

Brasília: Confissão de fé (I)

Reportagem de Maria Valdira

DF-Brasília
005
Reportagem 0023



Em 4 de fevereiro de 55 Ernesto Silva chegava ao DF, com a Comissão Pessoa. No local de onde partem todas as águas do território nacional (Águas Emendadas) registraram o momento. Da esquerda para a direita: Moacyr Pereira Leão, João Correia e Silva, Marechal Travassos, sr. Waldir, Pedro Monteiro Guimarães, General Pessoa, Ribeiro Junior, Ernesto Silva e Félix de Moura

Em 5 de fevereiro de 1955, ele pisava as terras brasilienses pela primeira vez. Como Secretário da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, chefiada pelo Marechal José Pessoa. Um ano depois ele voltaria. Mas, desta vez pra ficar. Permanentemente. Dedicando todo o seu trabalho, todo o seu entusiasmo a Brasília. Sem desanimar, mesmo durante as crises que ameaçavam o retorno da Capital para o Rio. Ele sabia, tinha convicção de que a transferência era irretornável. Porque desde o primeiro instante em que avistou o imenso planalto deserto, acreditou em Brasília. Sua vivência de vinte anos ininterruptos em nossa cidade é mais que dedicação e persistência. É uma confissão pública de fé em Brasília e nos destinos do país. Ernesto Silva, médico pediatra, ex-Diretor da NOVACAP, escritor, é um dos mais importantes testemunhos da História de Brasília. Conhece-a como a palma da mão. Cada vereda, cada desvio, cada momento, cada instante. Um dia, ele contará num livro todos os meandros de um caudal que, em tão poucos anos, já percorreu quilômetros e quilômetros de distância e já se apresenta úbere de acontecimentos. Agora, em poucas palavras, ele dá as diretrizes do seu pensamento. Sobre uma cidade que ele ama como sua. Porque ajudou com suas próprias mãos a construí-la. Com amor. Com fé. Com euforia. Com desprendimento. E sobretudo, com muita grandeza de espírito.

Para falar de Brasília Ernesto Silva está sempre disposto. Mesmo após um exaustivo dia de trabalho nos hospitais superlotados do DF. Comentamos isso. Ele responde, tranquilo: "Os verdadeiros pioneiros vieram por amor; não, para enriquecer. A prova está aí: todos nós continuamos levando uma vida normal - encargos de família, trabalho cotidiano, classe média. Temos o que todo cidadão obtém com o seu trabalho: uma casa pra morar, um carro".

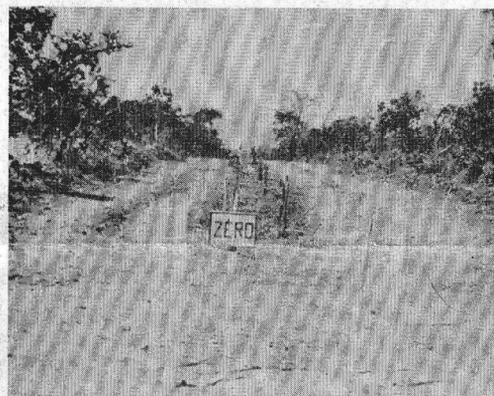
Carioca da gema, ele adotou sua segunda naturalidade: brasiliense. Sem que a transição fosse forçada. Como voluntária foi sua vinda num "Beach Craft", do Rio para Brasília, com escalas em Pirapora, Formosa e Planaltina. O resto do percurso foi feito de Jeep, pela estrada que ligava a cidade centenária de Planaltina a Luziânia e que passava exatamente no trecho onde foram construídos os escritórios da NOVACAP, chamado depois de "Velhacap". Ernesto Silva era Secretário da Comissão de Localização do D.F. Em 1946, a Comissão para estudo da área do Distrito Federal, chefiada pelo General Poly Coelho, apressava seus trabalhos, de modo que, dois anos depois, remetia o resultado de suas pesquisas ao Congresso Nacional. Em 1953, o Congresso votou a Lei criando a Comissão de Localização da Nova Capital, e em outubro do ano seguinte, com a queda de Getúlio Vargas, Ernesto Silva passava a ser membro dela. Imediatamente começou a agir. A Comissão contratou uma firma americana para fazer o levantamento aero-fotogramétrico do chamado "Retângulo do Congresso", de 52 mil quilômetros quadrados, nos quais se incluíam as cidades de Goiânia e Anápolis. A empresa contratada tinha por missão indicar cinco sítios de mil quilômetros quadrados cada um, como os melhores para a localização do Plano Piloto de Brasília. A Comissão, então, comparou os cinco locais, escolhendo o atual, baseada em vários critérios: abundância de água, clima, proximidade das fontes de energia elétrica, facilidades de comunicação, facilidades de desapropriação, proximidade de materiais de construção, topografia adequada, terras agrícolas.

No dia 4 de fevereiro de 55, os Marechais José Pessoa e Mário Travassos e Ernesto Silva desembarcavam em Formosa. No mesmo avião seguiram para Planaltina. Depois de atingir o acampamento da Velhacap - naquela época apenas um ponto de referência - procuraram o ponto mais alto do local: o Cruzeiro, a 1.172 metros de altitude, oferecendo uma visão do horizonte de 360 graus. Imitando o gesto dos descobridores, aí foi plantada uma cruz. Ele não contou, mas a gente adivinha, que a solidão do Planalto lhe tocou profundamente. Contou apenas que a visão era maravilhosa. Dava sensações de amplitude, de vastidão, de fronteiras abertas como Brasília seria. Ergo bom olhar o horizonte sem fim, a mata de ruidos amistosos. Não havia abrigos, o sol era esdaldante. Se é possível se gostar do calor e do desconforto, ele gostou. Foi amor à primeira vista.

Em 24 de setembro de 1956, Ernesto Silva era nomeado Diretor da Novacap, passando a



O dia da inauguração de Brasília soou como um brado de vitória. Na foto, Israel Pinheiro, Ernesto Silva e Moacyr Gomes e Souza



A Estação Rodoviária de Brasília nasceu com esta rustica placa plástica, assinalando o cruzamento dos dois Eixos. À volta, em 1957, a solidão do cerrado



Primeira visita de JK a Brasília, a 2 de outubro de 56. Na Fazenda do Gama foi recebido com um bom cafezinho (a casa ainda existe). Ve-se a direita, junto ao Presidente, Bernardo Sayão. Do lado esquerdo, com um rolo de mapas, Ernesto Silva



O acampamento da VELHACAP que jamais deveria ter sido destruído, e sim transformado em museu. Tudo funcionava ali e as decisões sobre a cidade que espantaria o mundo, dali partiam

morar definitivamente em Brasília, dois meses depois. Morou um ano e meio no Catetinho. Depois, mudou-se para a Granja do Riacho Fundo, residência oficial dos diretores da Companhia. Ele lembra como era a vida no começo: "Só veio quem tinha fé, capacidade de trabalho e disposição. De todos que vieram naquele tempo, nenhum tinha a preocupação de enriquecer e sim, de fazer a cidade. Veja: Bernardo Sayão morreu pobre, Israel Pinheiro, também. E tantos outros. A solidão era compensada pelo espírito de união e trabalho". Levantava-se às 6:30 da manhã e iniciava o trabalho às 7:30, só voltando para jantar às 8:30 da noite. O almoço era sanduíche no Clube do Paraná, no Restaurante do Aeroporto de madeira ou no SAPS, que ficava na Velhacap. O abastecimento de alimentos vinha de Anápolis, em Jeeps e Caminhões, que percorriam uma estrada precária, levando dez horas em tempo de chuva para vencer o percurso. De Pires do Rio, onde havia um terminal da estrada-de-ferro também vinha alguma coisa. Lá a NOVACAP instalara também um escritório. Em novembro de 1956, com a permissão para os comerciantes se estabelecerem, o Núcleo Bandeirante - antiga Cidade Livre - começou a ser povoado. O primeiro estabelecimento comercial da Cidade Livre foi uma padaria, de propriedade de Victor Pecchia. Os primeiros bancos, Banco Nacional, Banco da Lavoura, Banco de Crédito Real e Banco do Brasil.

Os sistemas adotados pela Administração eram inteiramente descontraídos, sem burocracia. Por isso, funcionava às mil maravilhas. Muitos despachos foram assinados em cima do capô empoeirado de Jeeps e Caminhões. Ou ainda na hora do lanche, no balcão improvisado do restaurante do Aeroporto. Ou no meio da mata, onde quer que a autoridade decisória se encontrasse. Havia muita improvisação, é verdade. Na maioria dos casos dava certo, porque, como se diz, brasileiro dá jeito pra tudo. Algumas vezes, não. Como o caso de um candango a quem foi entregue um aparelho de topografia e que passou vários dias na mata e voltou sem apresentar serviço algum. Indagado sobre a razão do não rendimento, desculpou-se: "Mas, eu sou tipógrafo, nunca vi esta máquina antes; o que é que eu vou fazer com ela?"

Ernesto Silva recorda episódios pitorescos daqueles tempos. Como o que sucedeu com Israel Pinheiro e um grupo de japoneses, convidado para conhecer as terras de Brasília. Ernesto Silva acompanhou os visitantes durante todo o dia. Ao voltarem, Israel, perguntou aos japoneses: "Como é, gostaram da terra?" Eles responderam: "Não, é muito fraca". E o que seria o primeiro Prefeito de Brasília retrucou, imediato: "Se a terra fosse boa, eu não ia precisar de japoneses". No início, o alojamento era meio problemático. Nesse dia, por exemplo, Israel teve que ir dormir no Gama, e Ernesto Silva com os visitantes, num Posto de Saúde, em Luziânia.

A descrença a respeito da transferência partia toda de fora. Aqui, todo mundo acreditava. Se não, não ficava. Quando Juscelino veio a primeira vez, acompanhado pelo Marechal Lott, este arriscou uma pergunta cheia de dúvidas, alhando o imenso cerrado, distante e deserto: "Presidente, o senhor vai mesmo construir a Capital aqui?" Havia também Ministros de Estado que perguntavam confidencialmente a Ernesto Silva se a Capital mudaria ou não para cá...

Em quatro meses de trabalho, a Comissão de Localização cumpriria uma programação estafante: desapropriaria todo o Plano Piloto, traçara os limites do Distrito Federal, apresentara estudo completo das terras e da capacidade de abastecimento d'água. A 19 de setembro de 1956, lançava o concurso para a escolha do traçado do Plano Piloto, isto é, cinco dias antes mesmo da criação da NOVACAP. Era um concurso nacional, com júri internacional. Dessa iniciativa gerou-se o famoso Plano Lúcio Costa. Que até hoje o mundo inteiro se ocupa dele. E pelo qual os moradores de Brasília têm veneração e orgulho. Ernesto Silva vai contar ainda de como os planos foram alterados e de como a vida se complicou por causa disso. Tudo era simples e funcional, como a alma de seu criador. Por que não foi executado, então? Ele responde com um outro episódio. Comentando com o falecido Santiago Dantas sobre a clareza e funcionalidade do Plano original, o Embaixador perguntou-lhe: "Por que não se fez este plano se é tão simples e racional?" E Ernesto Silva: "Talvez tenha sido exatamente por isso".